

HIV/AIDS em mulheres em idade reprodutiva no Brasil (no período de 2016-2021): uma análise epidemiológica

HIV/AIDS in women of reproductive age in Brazil (in the period 2016-2021): an epidemiological analysis

DOI:10.34119/bjhrv6n2-226

Recebimento dos originais: 08/03/2023

Aceitação para publicação: 10/04/2023

Mariana Oliveira Nunes

Graduanda em Medicina

Instituição: Centro Universitário Cesmac

Endereço: Rua Cônego Machado, 984, Farol, Maceió - AL

E-mail: marianaoliveiranuness@gmail.com

Rafaella Gonçalves Brandão Muniz

Graduanda em Medicina

Instituição: Centro Universitário Cesmac

Endereço: Rua Cônego Machado, 984, Farol, Maceió - AL

E-mail: rafagbmuniz@gmail.com

Maria Luiza Cerqueira Wanderley de Lima Soares

Graduanda em Medicina

Instituição: Centro Universitário Cesmac

Endereço: Rua Cônego Machado, 984, Farol, Maceió - AL

E-mail: malu.w.soares@gmail.com

Luciano Feitosa D'Almeida Filho

Graduando em Medicina

Instituição: Centro Universitário Cesmac

Endereço: Rua Cônego Machado, 984, Farol, Maceió - AL

E-mail: ofimman@hotmail.com

Laercio Pol-Fachin

Doutor em Biologia Celular e Molecular pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Instituição: Centro Universitário Cesmac

Endereço: Rua Cônego Machado, 984, Farol, Maceió - AL

E-mail: laercio.fachin@cesmac.edu.br

Ivonilda de Araújo Mendonça Maia

Mestra em Pesquisa em Saúde pelo Centro Universitário Cesmac

Instituição: Centro Universitário Cesmac

Endereço: Rua Cônego Machado, 984, Farol, Maceió - AL

E-mail: ivonildamaia@gmail.com

RESUMO

Os primeiros casos de AIDS em mulheres foram registrados em 1983, nessa época a prevalência no sexo masculino era expressivamente maior do que no sexo feminino e existia o estigma de que essa doença acometia apenas homens, mulheres transgênero, usuários de drogas injetáveis e profissionais do sexo. No entanto, a AIDS alastrou-se silenciosamente entre as mulheres cisgênero e heterossexual, e 40 anos depois, a feminização da epidemia mostrou-se uma realidade pelo aumento de novos casos. Considerando essa situação, sabe-se que a antiga concepção de grupos de risco não sustenta a realidade atual da infecção, o que exige a identificação da população feminina em situação de vulnerabilidade por condições tanto biológicas, referentes a características específicas dos órgãos sexuais femininos, como por condições sociais. Em consideração a isso, este artigo tem como objetivo, analisar o perfil epidemiológico de HIV/AIDS em mulheres em idade reprodutiva, de 15 a 39 anos, no Brasil, expondo o quanto esse público é afetado por tal doença na atualidade. Trata-se de um estudo epidemiológico de caráter descritivo, que utilizou dados contidos no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), no período de 2016 a 2021. Nesse período estudado, foram notificados 121.958 novos casos, sendo 70.030 desses na faixa etária de 15 a 39 anos e desses, 16.131 no sexo feminino (29,93%) e 53.899 no sexo masculino (76,97%). Diante disso, mostra que ainda há um predomínio importante na população masculina. Mesmo assim, nota-se que a epidemia da AIDS se estende até as mulheres, sendo necessário além de intervenções comportamentais e biomédicas, uma intervenção estrutural, com ações voltadas aos fatores e condições socioculturais que influenciam diretamente a vulnerabilidade de indivíduos ou grupos sociais específicos ao HIV, envolvendo preconceito, estigma, discriminação ou qualquer outra forma de alienação dos direitos e garantias fundamentais à dignidade humana.

Palavras-chave: epidemiologia, HIV, AIDS, mulheres, Brasil.

ABSTRACT

The first cases of AIDS in women were registered in 1983, at that time the prevalence in males was significantly higher than in females and there was a stigma that this disease only affected men, transgender women, injecting drug users and sex workers. However, AIDS spread silently among cisgender and heterosexual women, and 40 years later, the feminization of the epidemic proved to be a reality due to the increase in new cases. Considering this situation, it is known that the old conception of risk groups does not support the current reality of the infection, which requires the identification of the female population in a situation of vulnerability due to both biological conditions, referring to specific characteristics of the female sexual organs, and by social conditions. In consideration of this, this article aims to analyze the epidemiological profile of HIV/AIDS in women of reproductive age, from 15 to 39 years old, in Brazil, exposing how this public is currently affected by this disease. This is an epidemiological study of a descriptive nature, which used data contained in the Information System for Notifiable Diseases (SINAN), of the Department of Informatics of the Unified Health System (DATASUS), from 2016 to 2021. 121,958 new cases were reported, of which 70,030 were in the 15 to 39 age group, and of these, 16,131 were females (29.93%) and 53,899 were males (76.97%). Given this, it shows that there is still an important predominance in the male population. Even so, it is noted that the AIDS epidemic extends to women, requiring, in addition to behavioral and biomedical interventions, a structural intervention, with actions aimed at factors and sociocultural conditions that directly influence the vulnerability of individuals or specific social groups to the disease. HIV, involving prejudice, stigma, discrimination or any other form of alienation of fundamental rights and guarantees of human dignity.

Keywords: epidemiology, HIV, AIDS, women, Brazil.

1 INTRODUÇÃO

O HIV é um retrovírus envelopado que contém 2 cópias de um genoma de RNA de fita simples que causa a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS), que é o último estágio da doença pelo HIV, marcado por grande comprometimento do sistema imunológico do paciente, levando ao surgimento de doenças oportunistas causadas por vírus, bactérias, protozoários, fungos e neoplasias. A atividade heterossexual desprotegida é o modo mais comum de transmissão entre pessoas em idade reprodutiva. No entanto, existem outras formas principais de transmissão do HIV, que são: sanguínea em receptores de sangue ou hemoderivados e em usuários de drogas injetáveis e vertical da mãe para o filho, durante a gestação, parto ou por aleitamento. Além dessas formas, mais frequentes, também pode ocorrer a transmissão ocupacional, ocasionada por acidente de trabalho, em profissionais da área da saúde que sofrem ferimentos com instrumentos perfurocortantes contaminados com sangue de pacientes infectados pelo HIV. ^[1,2,3,5]

Em uma alusão histórica, a AIDS foi descrita pela primeira vez em 1981 nos Estados Unidos e tornou-se um marco na história mundial. O quadro inicial, exclusivamente presente em homossexuais masculinos, sugeriu uma possível ligação entre a nova patologia e as práticas sexuais, mas logo em seguida os novos casos mostraram que a doença era transmissível, uma vez que atingiu populações diversas como mulheres e crianças. Esse início acarretou estigmas que estão presentes até os dias atuais. ^[4]

No Brasil, o começo dessa doença também foi marcado por desinformação e preconceito. Porém, a AIDS vem passando por diversas transformações em seu perfil sociodemográfico, ao longo desses 40 anos, o que mostra a necessidade de identificar e conhecer a população mais vulnerável. Segundo o Boletim Epidemiológico de 2022, no Brasil, de 1980 até junho de 2022, foram detectados 1.088.536 casos. A maior concentração desses casos foi observada nos indivíduos com idade entre 25 e 39 anos: 51,7% dos casos do sexo masculino e 47,4% dos casos do sexo feminino pertencem a essa faixa etária. ^[3,4]

Compreender o aumento da infecção por HIV na população feminina não tem sido fácil, visto que a AIDS carrega o estigma de doença vergonhosa, fortemente associada a comportamentos desvalorizados moralmente. Por consequência do impacto dessa enfermidade, ao longo das décadas, o Brasil avançou na avaliação e monitoramento da doença. De tal forma que, a infecção pelo HIV e a AIDS tornaram-se parte da Lista Nacional de Notificação

Compulsória de doenças (Portaria nº 420, de 2 de março de 2022), sendo que a AIDS é de notificação compulsória desde 1986; a infecção pelo HIV em gestante, parturiente ou puerpera e criança exposta ao risco de transmissão vertical do HIV, desde 2000 (Portaria nº 993, de 4 de setembro de 2000); e a infecção pelo HIV, desde 2014 (Portaria nº 1.271, de 6 de junho de 2014). Assim, na ocorrência de casos de infecção pelo HIV ou de AIDS, estes devem ser reportados às autoridades de saúde. ^[4,5,6]

Por fim, tendo em vista a alteração no perfil epidemiológico da HIV/AIDS nos últimos anos, este artigo analisa a evolução da doença com foco em mulheres em idade reprodutiva no período de 2016 a 2021, inferindo a importância da inserção do sexo feminino na sociedade de uma forma global, tendo acesso às informações de cuidados para prevenção de comorbidades.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo epidemiológico de caráter descritivo dos casos de HIV/AIDS em mulheres jovens no Brasil, notificados entre os anos de 2016 e 2021, realizado com base nos dados contidos no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), disponível no endereço eletrônico: <https://datasus.saude.gov.br>.

Para atingir o objetivo da pesquisa, foram selecionados casos notificados da AIDS, no sexo feminino, na faixa etária de 15-39 anos, nos anos de 2016 a 2021, considerando todos os estados brasileiros. Outras variantes foram analisadas, como: região brasileira, escolaridade e raça. Esses dados foram processados, classificados e tabulados com ajuda do programa Microsoft Excel.

Em conjunto, para fomentar a discussão, foram obtidas informações contidas no Ministério da Saúde, nas bases de dados PubMed e Scielo. Por fim, considerando que se trata de uma pesquisa obtida por meio de dados secundários, não foi necessário a submissão do trabalho ao comitê de ética.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No Brasil, durante os anos de 2016 a 2021 foram notificados 121.958 casos de HIV/AIDS. Desse total, os anos 2017, 2018 e 2019 registraram a maioria dos casos. Na **Tabela 1**, identifica-se um acometimento maior na faixa etária de 30-39 anos do que em relação às outras faixas etárias.

Tabela 1 - Número de casos registrados no Brasil, no ano de 2016 a 2021 em todas as faixas etárias.

Fx. Etária	2016	2017	2018	2019	2020	2021	Total
TOTAL	18.862	22.850	22;222	21.962	16.988	19.074	121.958
<1 ano	36	55	41	44	27	36	239
1- 4	78	100	83	97	47	52	457
5- 9	30	41	48	47	18	30	214
10- 14	36	52	47	42	19	34	230
15- 19	448	581	508	467	385	453	2.842
20- 29	4.362	5.844	5.650	5.676	4.445	5.156	31.133
30- 39	5.758	6.827	6.663	6.440	4.975	5.394	36.057
40- 49	4.401	5.036	4.929	4.811	3.737	4.285	27.199
50- 59	2.596	2.963	2.836	2.940	2.306	2.411	16.052
60- 69	907	1.090	1.136	1.116	814	998	6.061
70- 79	177	220	243	243	186	195	1.264
80 e mais	33	41	38	39	29	29	209
Ignorado	0	0	0	0	0	1	1

Fonte: SINAN/SUS, DATASUS. Brasil (2023).

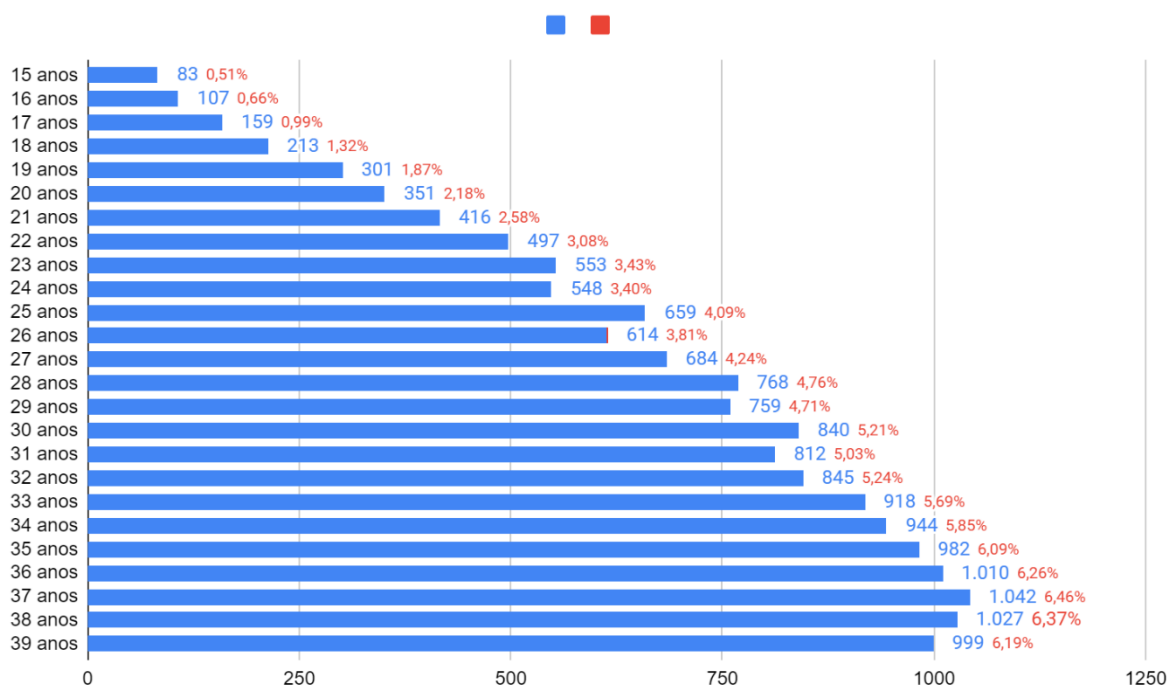
Já em relação aos sexos nas faixas etárias de 15-39 anos, nesse mesmo período estudado, na **Tabela 2** identifica-se um acometimento maior no sexo masculino, sendo 76,97% dos casos e 29,96% no sexo feminino. Na **Imagem 1**, analisa-se a distribuição dos casos no sexo feminino de acordo com a idade, evidenciando um aumento progressivo ao avançar da idade, tendo a faixa etária de 35 a 39 anos a maior incidência (31,37%). Na **Tabela 3**, avalia que a maior distribuição desses casos se concentra no sudeste (30,75%), nordeste (26,74%) e sul (23,65%), mostrando que essa doença se distribui de maneira importante por todas as regiões brasileiras.

Tabela 2 - Número de casos registrados no Brasil, no ano de 2016 a 2021, no sexo masculino e feminino, de 15 a 39 anos.

Sexo	2016	2017	2018	2019	2020	2021	Total	%
TOTAL	10.568	13.251	12.821	12.583	9.805	11.002	70.030	100%
Masculino	7.867	10.136	9.806	9.705	7.654	8.731	53.899	76,97%
Feminino	2.701	3.115	3.015	2.878	2.151	2.271	16.131	29,93%

Fonte: SINAN/SUS, DATASUS. Brasil (2023).

Imagem 1 - Número de casos registrados no Brasil, no ano de 2016-2021, no sexo feminino, detalhado por idade.



Fonte: SINAN/SUS, DATASUS. Brasil (2023).

Tabela 3 - Número de casos registrados em cada região no Brasil, no ano de 2016 a 2021.

Região	2016	2017	2018	2019	2020	2021	Total
TOTAL	2.701	3.115	3.015	2.878	2.151	2.271	16.131
Região Norte	292	364	393	397	223	325	1.994
Região Nordeste	721	854	835	715	600	589	4.314
Região Sudeste	813	986	900	859	700	703	4.961
Região Sul	735	703	682	719	484	492	3.815
Região Centro-Oeste	140	208	205	188	144	162	1.047

Fonte: SINAN/SUS, DATASUS. Brasil (2023).

No que se refere à escolaridade, verificou-se um elevado percentual de casos com escolaridade ignorada (24,15%), o que dificulta uma melhor avaliação dessa variável nos casos de infecção pelo HIV. É visto na **Tabela 4** que a AIDS afeta indivíduos de todos os níveis escolares. Porém, tem destaque nas mulheres que têm 5ª a 8ª série incompleta (17,23%) e ensino médio completo (22,56%).

Em relação a esse assunto, as mulheres com menor escolaridade apresentaram inserção mais precoce no mercado de trabalho, com ocupações que não exigiam formação profissional específica e iniciam a vida sexual com a falta de informações sobre sexualidade e contracepção e quase nenhum contato com serviços de saúde até a primeira gravidez. [7]

Tabela 4 - Número de casos registrados por escolaridade no Brasil, no ano de 2016 a 2021

Escolaridade	2016	2017	2018	2019	2020	2021	Total
TOTAL	2.102	2.387	2.286	2.173	1.602	1.685	12.235
Analfabeto	47	44	34	27	13	22	187
1ª a 4ª série incompleta	177	180	157	114	93	70	791
4ª série completa	121	104	103	99	68	74	569
5ª a 8ª série incompleta	514	578	563	484	324	321	2.784
Fundamental completo	286	288	288	263	197	218	1.540
Médio incompleto	246	278	268	316	224	267	1.599
Médio completo	565	705	648	659	524	538	3.639
Superior incompleto	61	89	115	96	65	74	500
Superior completo	85	121	110	115	94	101	626

Fonte: SINAN/SUS, DATASUS. Brasil (2023).

A presença da AIDS em mulheres em idade reprodutiva, contribuiu para o incremento nas taxas de transmissão vertical, apresentando-se como importante desafio para as políticas públicas de saúde. As mulheres jovens, com baixo padrão socioeconômico e com poucos anos de estudo apresentam-se como grupo vulnerável para a infecção perinatal, seja pelo desconhecimento dos fatores relacionados à infecção, seja pela possibilidade de gestações consecutivas sem acompanhamento pré-natal adequado. [8,9] Segundo o Boletim Epidemiológico da AIDS de 2021, em um período de dez anos, houve um aumento de 30,3% na taxa de detecção de HIV em gestantes: em 2010, registraram-se 2,1 casos/mil nascidos vivos e, em 2020, essa taxa passou para 2,7/mil nascidos vivos. Esse aumento pode ser explicado, em parte, pela ampliação do diagnóstico no pré-natal e a melhoria da vigilância na prevenção da transmissão vertical do HIV. Além disso, desde 2000, a faixa etária entre 20 e 24 anos é a que apresenta o maior número de casos de gestantes infectadas pelo HIV, notificadas no Sinan entre 2000 e junho de 2021. [9]

Outra problemática acerca desse assunto, é a não prioridade das mulheres no cenário da epidemia brasileira, que faz com que as ações voltadas para este grupo populacional se mantenham restritas à identificação de gestantes com HIV visando à prevenção da transmissão para a criança, o que limita o acesso das não grávidas ao diagnóstico e ao início oportuno do tratamento. [7]

4 CONCLUSÃO

O perfil epidemiológico da AIDS sofreu muitas mudanças, dentre essas, ocorreu a importância de expor os riscos que cercam famílias heterossexuais e que eram escondidos no passado pelo preconceito. De acordo com o boletim epidemiológico da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde em 2019 apenas nas regiões Sudeste e Centro-Oeste as relações homo e bissexuais foram responsáveis pela maioria das contaminações. As demais

regiões, mostraram um pequeno aumento, prevalecendo as transmissões pelas relações heterossexuais.

O trabalho evidencia que, no Brasil, tem-se registrado queda no número total de casos de infecção por AIDS nos últimos anos, dado que contrasta com o número de notificações de acordo com a faixa etária, que se encontra em crescimento quando analisados. A infecção pelo HIV permanece um problema de saúde pública, fato evidenciado pela ausência de campanhas voltada à saúde da mulher e não apenas para prevenção vertical, os resultados refletem o perfil das mulheres em idade fértil na sociedade que apresenta uma cultura enraizada com costumes baseados na desigualdade de gênero, que se estende até mesmo ao âmbito da saúde relacionada à sexualidade e prevenção de doenças infecto contagiosas. Cabe ressaltar que parte dessa redução de casos pode estar relacionada à subnotificação, principalmente no ano de 2020, devido à pandemia de COVID-19.

REFERÊNCIAS

1. VAILLANT, Angel A. Justiz; GULICK, Peter G. HIV Disease Current Practice. **StatPearls**. StatPearls Publishing, 2022. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK534860/>. Acesso em: 08 fev. 2023.
2. BRASIL. Ministério da Saúde. **Caderno de Atenção Básica - HIV/AIDS, Hepatites e outras DST nº 18**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/abcd18.pdf. Acesso em: 08 fev. 2023.
3. CAPRIOTTI, Teri. HIV/AIDS: an update for home healthcare clinicians. **Home Healthcare Now**, v. 36, n. 6, p. 348-355, 2018.
4. BRASIL. Ministério da Saúde - Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/AIDS e das Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico HIV/AIDS de 2022**. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: https://www.gov.br/aids/pt-br/centrais-de-conteudo/boletins-epidemiologicos/2022/hiv-aids/boletim_hiv_aids_-2022_internet_31-01-23.pdf/view. Acesso em: 08 fev. 2023.
5. COHEN, Justin; TORRES, Claudio. HIV-associated cellular senescence: a contributor to accelerated aging. **Ageing Research Reviews**, v. 36, p. 117-124, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.arr.2016.12.004.org/10.1590/1983-80422021292475>. Acesso em: 08 fev. 2023.
6. DOMINGUES, Rosa Maria Soares Madeira; SARACENI, Valéria; LEAL, Maria do Carmo. Reporting of HIV-infected pregnant women: estimates from a Brazilian study. **Revista de Saúde Pública**, v. 52, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/S1518-8787.2018052017439>. Acesso em: 08 fev. 2023.
7. VILLELA, Wilza Vieira; BARBOSA, Regina Maria. Trajetórias de mulheres vivendo com HIV/aids no Brasil. Avanços e permanências da resposta à epidemia. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, p. 87-96, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017221.14222016>. Acesso em: 08 fev. 2023.
8. BRASIL. Ministério da Saúde - Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/AIDS e das Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico HIV/AIDS de 2018**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologico-hiv-aids-2018>. Acesso em: 08 fev. 2023.
9. BRASIL. Ministério da Saúde - Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/AIDS e das Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico HIV/AIDS de 2021**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2021/boletim-epidemiologico-especial-hiv-aids-2021.pdf/view>. Acesso em: 08 fev. 2023.
10. OLIVEIRA, Mariana de Moraes Duarte; JUNQUEIRA, Telma Low Silva. Mulheres que vivem com HIV/aids: vivências e sentidos produzidos no cotidiano. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n361140>. Acesso em: 08 fev. 2023.
11. SILVA, André Felipe Cândido da; CUETO, Marcos. HIV/Aids, os estigmas e a história. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 25, p. 311-314, 2018. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S0104-5970201800020000>. Acesso em: 08 fev. 2023.

12. GRECO, Dirceu B. A epidemia da Aids: impacto social, científico, econômico e perspectivas. **Estudos Avançados**, v. 22, p. 73-94, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142008000300006>. Acesso em: 08 fev. 2023.

13. BRITO, Ana Maria de; CASTILHO, Euclides Ayres de; SZWARCOWALD, Célia Landmann. AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 34, p. 207-217, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0037-8682200100020001>. Acesso em: 08 fev. 2023.

14. Global AIDS Monitoring 2023: Indicators and questions for monitoring progress on the 2021 Political Declaration on HIV and AIDS. Geneva: **UNAIDS**; 2022. Disponível em: https://www.unaids.org/sites/default/files/media_asset/global-aids-monitoring_en.pdf. Acesso em: 08 fev. 2023.

15. JOHNSTON, Lisa G. et al. The importance of assessing self-reported HIV status in bio-behavioural surveys. **Bulletin of the World Health Organization**, v. 94, n. 8, p. 605, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.2471/BLT.15.162933>. Acesso em: 08 fev. 2023.

16. LINS, M. E. V. S.; JESUS, J. B. de; OLIVEIRA, J. F. de; RÊGO, G. G.; MATOS, A. V. M. de; WANDERLEY, N. B.; ASANO, N. M. J.; SOUZA, M. B. R. de. Perfil epidemiológico de óbitos por HIV/AIDS na região nordeste do Brasil utilizando dados do sistema de informação de saúde do DATASUS. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 2965–2973, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.34119/bjhrv2n4-061>. Acesso em: 16 fev. 2023.

17. MARIANO, D. M. dos S. .; OLIVEIRA, K. C. do N. .; HORA, D. P. G. da; LIMA, V. V. R. da S. S. .; ALVES, A. M.; CABRAL, T. da S. .; BARROS, M. C. dos S. .; SANTOS, I. M. R. dos; OLIVEIRA, V. V. de S. .; BEZERRA, R. da S. Cenário epidemiológico dos casos notificados do HIV/Aids em Alagoas no período de 2009 a 2018. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 5, p. e15810514811, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i5.14811>. Acesso em: 16 fev. 2023.

18. SILVA, S. R. M. da; HOLANDA, C. C. dos S.; ALBERTO, D. de S.; SANTOS, M. S. dos; ANDRADE, R. F. de. 10 anos de gestantes com HIV no estado do Amapá: análise epidemiológica dos casos notificados no período de 2009 a 2018. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 6, n. 8, p. 56715–56727, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n8-182>. Acesso em: 16 fev. 2023.

19. CAVALCANTE, M. A. E. da S. .; RODRIGUES, S. T. C. .; SANTOS, A. A. P. dos .; SANCHES, M. E. T. de L. .; ALVES, S. M. .; SANTOS, L. T. O. dos .; ALVES, T. L. . O impacto do diagnóstico do HIV na gravidez ou pós-parto e seus efeitos na vida das mulheres: revisão integrativa de literatura. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. e17010313157, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i3.13157>. Acesso em: 16 fev. 2023.

20. TAVARES, M. de P. M.; SOUZA, R. F. de; TAVARES, A. de P. M.; VILELA, M. F. de C.; DE SOUZA, V. F.; FONTANA, A. P.; MACHADO, L. C. de S. Perfil epidemiológico da AIDS e infecção por HIV no Brasil: Revisão bibliográfica. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 786–790, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n1-068>. Acesso em: 16 fev. 2023.